



**20°** CONGRESSO  
BRASILEIRO DE  
**Infectologia  
Pediátrica**  
DE 14 A 17 DE NOVEMBRO • SALVADOR/BA

## Trabalhos Científicos

**Título:** Perfil Epidemiológico Dos Casos De Sífilis Congênita Em Sergipe De 2007 A 2017

**Autores:** Vivian Maria Silva Santos; Kahena de Oliveira Rego; Larissa Silva Fontes; Valéria Raquel Rabelo Trindade Santos; Gerlan da Silva Rodrigues; Silvia Nathalia dos Santos Souza; Halley Ferraro Oliveira

**Resumo:** Objetivo: Traçar o perfil epidemiológico da sífilis congênita em Sergipe de 2007 a 2017. Metodologia: Trata-se de um estudo transversal, retrospectivo e descritivo com abordagem quantitativa, com base em dados coletados no Departamento de DST, AIDS E HEPATITES VIRAIS, referente aos casos de sífilis congênita notificados em crianças de 0 a 12 anos, em Sergipe, de 2007 a 2017. Resultados: De acordo com os dados do Ministério da Saúde, com base em crianças de 0 a 12 anos, foram notificados 2631 casos de sífilis congênita (SC) entre os anos de 2007 a 2017 no estado de Sergipe, sendo que 97,5% corresponderam às crianças com menos de 7 dias de vida. Quanto ao tipo de sífilis, a forma precoce da doença representou 87,7% dos casos e apenas 4 crianças manifestaram a forma tardia da doença. Registraram-se 151 natimortos e 169 abortos por sífilis congênita nesse período. Cerca de 50,5% das mães tinham entre 20 e 29 anos, e a escolaridade materna foi maior entre a 5ª e a 8ª séries incompletas (954). Em relação à realização do pré-natal, 1899 mães o realizaram. O diagnóstico de sífilis congênita foi maior durante o parto (1116). Quanto ao tratamento materno, 1878 realizaram de forma inadequada, enquanto 547 mulheres não se submeteram ao tratamento na gestação. Os casos de sífilis em Sergipe representaram 7,6% dos casos totais no Nordeste nesses anos. Em relação aos óbitos, 17 casos foram notificados em menores de 1 ano no estado, dados fornecidos somente de 2007 a 2016. Conclusão: Diante dos dados obtidos, constatou-se a alta incidência de sífilis congênita em Sergipe nos últimos 10 anos. A prevalência dos casos com manifestação já na primeira semana pós-nascimento configura a maior ocorrência da sífilis precoce, caracterizada pela manifestação clínica logo após o nascimento ou durante os dois primeiros anos de vida. Os abortos por sífilis congênita representaram 6% dos casos totais e aproximadamente 5,8% dos bebês nasceram mortos, refletindo a alta letalidade da SC. Apesar da maioria das gestantes realizarem o pré-natal, o maior índice de diagnóstico de SC no parto corresponde a falha ainda existente na busca de sífilis nessas mulheres durante a gravidez, culminando na baixa adesão ao tratamento por elas e nas sérias consequências para as crianças com a doença. A somatória desses fatores resulta na alta prevalência da SC no estado, atentando para a necessidade de ampliar o acesso aos serviços de diagnóstico de sífilis na gestação, o reforço à realização do tratamento pela gestante e pelo parceiro, além de maiores ações de prevenção contra sífilis, principalmente nos grupos de risco e entre as mulheres de 20 a 29 anos, que apresentaram maior taxa de casos nesse período.